

BIBLIOTECA
Hist. de Moç.
OTA (b) C. 37 c

286



Para o ilustre Escritor e historiador
Dr. Alexandre Lobato
— homenagem grata de

Octávio Rodrigues de Campos

MARRABENTA



RITMO
MOÇAMBICANO

Por OCTÁVIO RODRIGUES DE CAMPOS

Depois de ter estado no Maiawi, em cujo «Coconut Club», no Limbe, me foi dado apreciar os ritmos puros do «jazz» e assistido, já na Rodésia, na cidade de Bulawaio na fase animada imprimida pela «Trade Fair» em que as raparigas fascinantes se espreguiçam nas emoções juvenis dos flirts descontraídos, fui surpreendido em Moçambique com a excitante dança marrabenta que já está começando a correr mundo.

Toda a África desperta para um novo ciclo da sua evolução. Enquanto nos bastidores das chancelarias se forja a sua estrutura política, as populações após o dia de trabalho entregam-se a diversões mais do seu agrado. As danças dos autóctones evoluíram, posto que se encontrem, fora das cidades e vilas, os pretos na roda do batuque.

PRELÚDIO DOS RITUAIS NEGROS

O interesse da marrabenta que se dança, sofisticada, nos night clubs de Lourenço Marques, quase todos com exibições de streap-tease, dá uma animada vida nocturna com aspectos sui generis. Nos subúrbios, todavia, especialmente aos domingos, fechados os xitolos (lojas), podemos ver a marrabenta na sua pureza original, especialmente no bairro Xipamanine.

A música da marrabenta tem o sabor tropical e surgiu do próprio folclore moçambicano. Enquanto o ritmo desta é a base do mambo com uma cadência cortada, a cwela é uma espécie de chufa italiano, com cadência de twist. Por sua vez, a ribita, dançada em Angola, tem um ritmo afro-brasileiro, o que não deixa de ser curioso visto que o tufo — o ritmo de Nampula (Moçambique) — tem melodias que evocam as cubanas.

As notas musicais da marrabenta bem desenham o ritmo de vertigem, de fogo e de sensualismo puro, que, num crescendo, acabam por atingir uma fase delirante em que os pares bailam num abandono completo.

A marrabenta na sua força rítmica e na riqueza da sua expressão coreográfica, especialmente dados pela mulher, é, por assim dizer, como que um prelúdio dos rituais negros que antecedem a posse da mulher.

ALEGRIAS E ENTUSIASMOS DA JUVENTUDE

Por isso, na marrabenta há instantes em que os quadrís, as ancas, se movem com volúpia, chegando a indicar «o desejo de mulher ...» Noutros instantes, ela é como que tocada de delírio e então já não são as ancas que se agitam, mas os seus braços, os seios, todo o peito, desenham expressões coreográficas convulsivas, eróticas, seguindo-se um princípio de encantamento do homem em que ele e ela, enlevados, dançam, dançam, elevando os braços e colocando as mãos atrás da nuca.

Dança que tem o húnus da selva africana, reminiscência da roda do batuque, com todo o seu mistério, a marrabenta não é pornográfica, pois temos de inseri-la no «clima tropical próprio» em que as danças negras têm uma linguagem telúrica, típica, e, na opinião de um jornalista moçambicano, «no seu contexto formal representa as alegrias e os entusiasmos da juventude» e «a sensualidade que se lhe surpreende é comum a todas as danças africanas, não contendo por isso, nenhuma motivação maliciosa.

HIBRIDISMO COREOGRÁFICO

A marrabenta é uma dança tipicamente moçambicana, nascida na zona suburbana de Lourenço Marques de onde irradiou depois, por Moçambique fora através dos seus ritmos gravados em fita e atirados «para o ar» pelo Rádio Clube de Moçambique e pelas expressivas imagens dos diários lourençomarquinos em flagrantes do repórter fotográfico Ricardo Rangel, até que, marinheiros de todas as latitudes, vendo-a em cabarets da rua Araújo, na capital moçambicana, a levaram em seus navios, internacionalizando-a.

«Música de toda a gente de nossa terra» na expressão popular dos autóctones, mergulha as suas raízes no mais puro folclore dos mesmos, assente no ronga e com o jeito rítmico de reminiscências evocativas da n'fehna.

Mas no fundo, como muito bem observou o crítico de ballet Tomás Ribas, aquando da sua passagem por Moçambique, em

ARQUIVO HISTÓRICO DE MOÇAMBIQUE

The image shows a handwritten musical score on two systems of staves. The top system is a treble clef staff with a key signature of one flat (Bb) and a common time signature (C). The bottom system is a bass clef staff with a common time signature (C). The notation includes various rhythmic values and accidentals. Below the staves, there are two columns of handwritten text in Portuguese. The left column is titled 'Linha melódica' and describes the melody as 'Di - m - pa - tol - do (rítmica, subdominante, terciária, trina)'. The right column is titled 'rondação da marrabenta' and describes the dance's characteristics, mentioning its origin in Lourenço Marques and its fusion of African and Western elements.

A temática musical da «marrabenta», escrita expressamente para este trabalho

declarações que nos fez expressamente, e que foram publicadas no *Beira Baixa*, é uma das mais belas e ricas expressões de hibridismo coreográfico: forte, rica, humana, expressiva e violenta como todas as danças puras o devem ser, «dança de inteira adesão à terra (pelo seu sapateado)», a *marrabenta* tem diversas canções e ritmos com variantes sensíveis. Assim, quer sejam as canções «Júlia» e «Jarogina», do conjunto João Domingos (que serviram para o primeiro disco da *marrabenta* editado em Moçambique, quer no disco «*Marrabenta*» (edição Alvorada, da cidade do Porto) com as canções «Elisa gomara saia», «Bambatela sabado», «Larrinda» e «Xinwanana», do conjunto, «Djambu», podemos encontrar uma linha mestra musical.

DA ZUKUTA A DANÇA ACTUAL

A música da *marrabenta* hoje já está correndo mundo através dos interesses comerciais de casas editoras de discos, nacionais e estrangeiras, procurando especialmente a República da África do Sul «standardizar», a exemplo das suas alegres *cwelas*, enquanto, por outro lado, a *rebita* e os *merengues* são as danças de Angola mais típicas e que vimos dançar nos *muzeques* em Luanda.

Tem a sua música, todavia, uma linha evolutiva tradicional e cronológica, que da remota *Zukuta*, passa pela «dança dos assimilados», até à actual *marrabenta*.

Segundo um africano, jornalista e escritor nascido em Lourenço Marques, numa crónica da autoria desse jovem escritor, publicada no «Notícias», afirmava: «Diz o saber do povo que a actual *marrabenta* difere da *magika* de há 20 anos apenas na designação. Contudo, o *zukuta* largamente dançado há cerca de 4 décadas, parece ser o primeiro ritmo nascido.

Confrontando a *zukuta* (*Ximilliana Zukuta* com a *magika* (*Mamana Wenê* e *Teresa N'Kulu*) conclui-se facilmente ser o segundo ritmo o desenvolvimento lógico do primeiro, embora aquele continue marcadamente próximo do *n'fehna*.

Sobre as fases cronologicamente mais recentes do processo do desenvolvimento da «dança de todo o gente de nossa terra»



«*Marrabenta*» é isto — ritmo endiabrado, absorvente e todo o corpo «metido» na dança, cada gesto e cada movimento obedecendo harmoniosamente à estranha magia da música e os corpos, que nunca estabelecem contacto em movimentos sensuais e de apelo ao desejo... António Williams e Muchina exibem-se num espectáculo de cor e ritmo.

Foto: R. RANGEL

obtivemos informações mais pormenorizadas: a *magika*, conhecida como a «dança dos assimilados» pelo entusiasmo que suscitou entre os africanos mais evoluídos no sentido de europeização, viveu a fase do seu esplendor máximo nas excursões da *Ucanui* e *Xicadju* de há 15 a 20 anos organizadas no bairro da *Mafalala*.

Mulkuhuiana, o último grande trovador *ronga* cantava nos anos quarenta os versos satíricos de «*Elisa Mbal*», que viria a ser a primeira canção da actual *marrabenta* — embora seja difícil designar concretamente — atribui-se também a um morador do bairro de *Mafalala*: Jaime da Graça Espírito Santo, pugilista, dançador e poeta a seu modo, autêntica versão urbanizada da figura popular do cronista (trovador) dos tempos áureos da literatura oral *ronga*, é a figura que se evoca frequentemente

ARQUIVO HISTÓRICO DE MOÇAMBIQUE



Com indumentária vistosa, no bairros de *Xipamanine*, nos «*xitolos*» (lojas), africanos dançam com autenticidade a excitante «*marrabenta*»

Fotos: R. RANGEL



Ao lado: Els como os pares estilizados interpretam a «marrabenta», numa das «boites» da rua Araújo — a artéria que «é talvez o maior caudal humano de multirraciedade de toda a cidade, e ali não há preconceitos ou normas intelectuais sobre o problema»

Em baixo: Aquando do Carnaval de 1965, jovens do bairro Mafalala, de Lourenço Marques, filhos daqueles que há 15 anos dançavam a «magika» — a dança dos assimilados

A foto ao lado é de R. RANGEL e a de baixo, de ARMINDO AFONSO

quando haja que recordar as alegres festas dos anos vinte onde se localiza no tempo a substituição da designação de zukuta pela de magika».

COMO SE DANÇA A MARRABENTA

Acima deixámos as impressões literárias que julgamos haver sabido interpretar nas emoções que sentimos quando dançámos a marrabenta e sobre a magika que também vimos dançar por africanas graciosas, nada dissemos por na verdade, quanto a nós, não ter o mesmo interesse balético daquela. Tanto a n'fehna (dança dos macacos), xigubo muringana e xiguiilo (danças guerreiras) como o ritmo tufo — este muito frequente em Nampula e evocando ritmos cubanos — são algumas das mais sugestivas danças folclóricas moçambicanas.

Segundo a nota divulgadora de uma casa editora de discos, escrita por um africano natural de Moçambique, a marrabenta dança-se assim:

«O cavalheiro e a dama, virados um para o outro, deslizam suavemente para os lados em pequenos movimentos circulares e envolventes que se assemelham ao «cerco» dos pugilistas. Porém, em momento algum da dança têm contacto corporal. O movimento pode ser desencontrado, isto é, pode acontecer que os dançarinos se desloquem para lados opostos, e pode também suceder que se conduzam sempre para as mesmas direcções no sentido da direita como no da esquerda, o corpo desliza transferindo alternadamente a incidência do seu peso da ponta do pé para o calcanhar. Com a ponta do pé livre, consoante o movimento seja para a esquerda ou para a direita, o dançarino ajuda delicadamente a deslocar o corpo, ao mesmo tempo que marca a batida do ritmo. Os quadris pendem sucessivamente para diante e para trás, dentro do ritmo e de acordo com as posições do calcanhar e da ponta do pé sobre o qual o corpo esteja apoiado. O corpo nunca se torna rígido, porquanto os ombros, a cabeça e o busto marcam permanentemente as inflexões do ritmo. Os braços ora descansam sobre os quadris ora sobem até à nuca e, em certos momentos, se esticam para os lados, à altura dos ombros, sublinhando as expressões do rosto, na mímica que traduz os sentimentos e as situações da música e dos versos.»

UM MARCO EVOLUTIVO DOS NATIVOS

Seja, porém, na pureza original dada pelas mistas (mulatas) ou africanas (pretas) evoluídas das zonas suburbanas da região do sul do Save e acentuada pela beleza das raparigas da Mafalala, seja na expressão coreográfica estilizada ou sofisticada dos pares que se exibem nas boites e salas de dança, a marrabenta, mais do que a dança coqueluche moçambicana, é na sua expressão melódica e no desenho do bailado, um

marco da evolução das populações nativas no sentido das influências europeias sofridas pela promoção social.

Depois da TV haver apresentado na Metrópole algumas imagens filmadas em Moçambique pelo seu correspondente João Terramoto, parece que, com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, a que preside o Dr. Azerêdo Perdigão, um grupo de elementos pertencentes à Associação Africana de Moçambique seguirá a caminho de Lisboa e outras cidades metropolitanas a fim de ser apresentada entre outras danças africanas a marrabenta em que a figura máscula do africano António Williams e a esguia, nervosa e linda Muchina formam um par excepcional, destacando-se dos restantes dançarinos.

NOTA: As fotos, com excepção da última, foram feitas pelo repórter fotográfico R. RANGEL que por cortesia autorizou a sua publicação.

